



# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 2 - 2º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ  
**ÁFRICA**  
E SUA DIÁSPORA:  
PENSAMENTOS E LINGUAGENS



# Entrevista

com **ALEX RATTTS**

por **André Luiz de Souza Filgueira**

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5784347>

Um ativismo...

## UM ATIVISMO FEITO POR MÃOS NEGRAS

### Alex Ratts



Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Pós-doutor em Geografia na Universidade Federal do Ceará. Professor na Universidade Federal de Goiás nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e de pós-graduação em Antropologia. Participa da Rede Espaço e Diferença (RED) e da Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidades Ibero Latino-Americana (REGGSILA). É ativista e poeta.

### André Filgueira



Bacharel e licenciado em história pela PUC-GO. Mestre em ciências sociais pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos, da UnB. Doutor em literatura, pela UnB. Pós-doutor em ciências humanas, no Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da UEG. Professor Adjunto 2 de história da África e de história e cultura afro-brasileira da UFPA, no Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Tem se aproximado, devagarinho, ao som do ijexá, dos estudos das masculinidades negras gays. É líder do Grupo de Estudos Jorge Laffond (Masculinidades e Sexualidades Afro-Diaspóricas), UFPA/CNPq.

Alex Ratts pertence às encruzilhadas epistêmicas. Graduado em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em geografia pela Universidade de São Paulo, com a dissertação: Fronteiras Invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Robert Moraes. É doutor em antropologia pela mesma universidade, com a tese: O mundo é grande e a nação também: identidade e mobilidade em territórios negros, orientada pelo antropólogo congolês Prof. Dr. Kabengele Munanga.

Há mais de duas décadas, Ratts tem se dedicado aos estudos da população afro-diaspórica, entre os quais se destacam obras inaugurais como: Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento (2006); o livro Lélia Gonzalez (2010), escrito a quatro mãos, com a socióloga e docente de sociologia da Universidade Federal Fluminense, Flávia Rios; organizou com Bethânia Gomes, bailarina e filha da historiadora Beatriz Nascimento, os signos poéticos de Beatriz Nascimento: Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento (2015).

Ao longo de mais de vinte anos tem se dedicado ao ensino, pesquisa e extensão como docente de geografia da África, no Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, e à docência de espacialidades e antropologia do corpo pelo viés interseccional nos Programas de Pós-Graduação em Geografia e Antropologia Social, ambos da UFG. Coordena o Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-racial e Espacialidades (LAGENTE). Orientou dezenas de trabalhos acadêmicos, da iniciação científica ao pós-doutorado, assinou mais de quatro dezenas de artigos.

A militância negra, a exemplo de Beatriz e Lélia, é intrínseca em sua trajetória de vida. Foi Vice-Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/as; foi Presidente do Conselho de Igualdade Racial do Estado de Goiás; foi coordenador do NEAAD/UFG, também atuando junto com o CANBENAS (Coletivo de Estudantes Negros e Negras Beatriz Nascimento); influenciou na concepção e implantação do projeto Passagem do Meio, destinado à inserção científica de jovens negros/as/xs na UFG; colaborou com a SECAD/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão destinado à implantação da Lei 10.639/03).

Ratts é poeta e parte dessa textualidade está disponível em seu blog pessoal e

no recente livro *Beira-Marinho* (2020). Neste ano, nos brindou com um livro inédito: *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos* (2021), organizado por ele, que reúne uma coletânea de textos de Beatriz Nascimento.

A entrevista que se segue foi realizada virtualmente por mim, Prof. André Filgueira, na tarde do dia 20/09/2021. Na ocasião, conversamos sobre a intelectual militante Beatriz Nascimento: seu legado, sua inserção nos estudos dos quilombos, seu ativismo, o lugar das expressões estéticas na luta antirracista e a relevância de ambos na compreensão e transformação da sociedade brasileira.

\*\*\*

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Boa tarde, Prof. Alex Ratts. Quero, de saída, agradecê-lo por ter acolhido o convite para dialogar com a *Revista Nós* e colaborar com o Dossiê: “África e sua diáspora: pensamentos e linguagens”. É uma alegria e uma honra tê-lo conosco.

**ALEX RATTS:**

Boa tarde, Prof. André, boa tarde às leitoras e aos leitores da Revista. Também quero agradecer o espaço de interlocução.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Gostaria de começar o nosso diálogo com uma pergunta sumária, digo sumária devido à atuação estrutural do epistemicídio: quem foi Beatriz Nascimento?

**ALEX RATTS:**

Beatriz Nascimento, para esse horizonte acadêmico da pesquisa e militância, era uma migrante no Rio de Janeiro dos anos 1950. De uma família de migrantes que veio do Nordeste, de Aracaju, Sergipe. Seu pai trabalhava na construção e crescimento da cidade. Ela estudou em escolas públicas, fez graduação em

História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Como ela mesma diz, entrou no ano de 1968. O ano das agitações políticas no Brasil, nos Estados Unidos, na Europa. E ela disse que ali percebeu que não poderia ficar à margem do que estava acontecendo. Ali foi o começo da militância dela. Eu costumo dizer que Beatriz era uma estudante militante que, com o tempo, se tornou uma intelectual ativista, e que essas duas personas não se pode separar a estudante da militante, a intelectual, da ativista. Ela começou se interessando pelo discurso da escravidão, que era um discurso muito constante, como se a população negra só existisse no patamar da escravidão, não tivesse nenhuma relação anterior como por exemplo as sociedades africanas. E ela fez resenhas sobre a escravidão e ela começou a dar entrevistas sobre essas questões e também sobre a ciência, como algo rígido. Já muito disciplinar. Estamos falando de uma história, de uma geografia, de uma ciências sociais, quando as pós-graduações começam a ser desenhadas, ou seja, ela está criticando a delimitação, a disciplinaridade científica daquele momento. E também a impossibilidade das pessoas negras escreverem a sua própria história. Fazendo sua própria ciência. Então ela era uma questionadora dessas fronteiras, entre sujeito e objeto, entre a academia e a militância, entre as perspectivas científicas e as subjetivas. E uma proponente também de uma forma de ver a história negra, via pelos quilombos, principalmente. E de ver a sociedade brasileira e a sociedade da diáspora, que é o que ela vai trabalhar mais à frente.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Em face do exposto, gostaria de fazer uma segunda pergunta: No ano de 2006, foi publicada a biografia de Beatriz Nascimento. Uma biografia assinada por você. A obra resgatou a historiadora do ostracismo imposto pela operação racial em curso, traduzida aqui, seguindo os rastros da filósofa Sueli Carneiro, de epistemicídio. Na página 76, no segundo parágrafo, é dito: as pessoas que a conheceram não a viam como escritora negra feminista. Gostaria de ouvi-lo sobre esse assunto, por que tais pessoas não a viam como escritora negra feminista? Quem eram essas pessoas?

**ALEX RATTS:**

Bom, não sei bem o que tinha em mente quando escrevi isso, mas em vida Beatriz nunca participou de nenhum circuito feminista, de nenhuma organização, mas ela tinha bastante interesse na questão das mulheres, da mulher negra e também interesse no feminismo. Isso é possível notar segundo os textos disponíveis no acervo dela. Beatriz Nascimento conhecia textos de Fúlvia Rosenberg, de Sônia Giacomini, de Sueli Carneiro e de Lélia Gonzalez, dentre outras. Então ela não era vista até os anos 1990 e início dos anos 2000 como uma feminista. Mas ela passou a ser vista enquanto tal, a ser acionada por feministas. O História das mulheres negras, da Schuma Schumacher, no capítulo dos anos 70 inicia com ela e com Lélia Gonzalez. E hoje em dia é reconhecida como uma feminista. Então eu vejo assim, era como se ela não tivesse afirmado tanto nessa dimensão, nas suas preocupações, militância e estudo. E também as pessoas não tivessem uma visão também de quem só pertencessem aos grupos, não é? Que hoje é uma coisa muito distinta. Hoje a pessoa se afirma feminista e ela não precisa pertencer a grupo nenhum, por conta das redes sociais e tal. Então era algo que talvez não fosse nem tão polêmico assim e não é à toa que ela vem sendo publicada em coletâneas feministas.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

No ano de 2015 você organizou e publicou, juntamente com Bethânia Gomes, o livro de poesias de Beatriz Nascimento. Gostaria de indagá-lo: qual é o lugar da arte, sobretudo da poesia, na vida, na obra e no ativismo de Beatriz Nascimento?

**ALEX RATTS:**

No meu entendimento a militância negra dos anos 1970, mais do campo cultural, musical do baile black, artístico, das artes plásticas, visuais, mas também do campo da universidade, no campo da música, todos, todos tem uma preocupação estética. Todos estão construindo seus corpos negros, seus cabelos blacks, suas tranças, suas roupas, que eles imaginam afro-brasileiras, africanas, afro-americanas, então, se tem um traço comum, é esse traço estético, né? Podemos pensar várias pessoas no Brasil do mesmo período, várias mulheres, por exemplo, fossem da música, de Leci Brandão a Sandra de Sá, de Beatriz Nascimento a Lélia Gonzalez, de Zezé Motta, né? Então eu penso que uma pessoa negra ativista, que é ativista também do corpo, tem de pensar a estética, o tempo todo. Porque também é uma forma de enfrentar o racismo. A outra coisa é a linguagem, então Beatriz passou a exercitar bastante a linguagem acadêmica. Nota-se desde as primeiras resenhas e artigos que ela tem uma coisa de próprio punho, de ser polêmica, de sustentar a própria fala. Ela não imita ninguém, então ela tem falas muito contundentes. Mas o que ela diz e eu concordo, que nos anos 1980 ela desenvolve a linguagem poética, o trabalho poético. Que não é só a poesia, é a poesia em prosa e uma estética que não é a da academia. Que não é a dos textos jornalísticos que ela exercitava bem. Então é um outro caminho de linguagem, de fala e de escrita. Que aí ela vai trabalhar até ter sua vida interrompida, principalmente no filme Ori. Então é o ápice do trabalho dela e centenas de poemas que ela deixou. E poemas em prosas também que alguns deles foram fazer parte de Ori.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Beatriz Nascimento inovou, na qualidade de pensadora, de historiadora e de ativista do movimento negro no estudo dos quilombos. Um estudo que parte da crítica à historiografia hegemônica, que invisibilizou à sociedade negra na história. Em linhas gerais, você pode apresentá-lo para compreendermos a sua singularidade? Essa pergunta se impõe devido à relevância desse estudo

explorada em outras linguagens, como por exemplo, a fílmica, pelo documentário Ori, de 1989, de Raquel Gerber, o qual você mencionou anteriormente.

#### **ALEX RATTS:**

A pesquisa foi algo que Beatriz definiu poucos anos depois de graduada. E lembremos que não era comum uma pessoa terminar a graduação e ir para pós, nem branca, nem negra. As classes populares e as classes médias. É algo que ela se insere como uma obstinação. E ela já discute a possibilidade de os quilombos históricos terem relação com as favelas contemporâneas. Ela estava no Rio de Janeiro, ela via aquelas comunidades de favela e ficava pensando a anterioridade que elas tinham, se elas eram centenárias. Ela se interessou pela documentação de polícia do Rio de Janeiro do final do século XIX e outras documentações. Ela não pôde fazer esse projeto porque seria muito amplo do jeito que ela queria. Então essa parte da atualização das favelas ela deixou um pouco de lado. Mas ela foi estudar o fenômeno do aquilombamento no Brasil colonial na perspectiva dos quilombolas. Então não era aquele fugitivo somente, aquela pessoa cujo estatuto jurídico não era nem de livre, nem de liberto, era fugitivo. Era no sentido de: que agrupamentos seriam esses? Que possibilidades seriam essas? Ela diz que eles não queriam, os quilombos não tinham propósito de alterar o sistema escravista, fazer a libertação, mas eles eram uma outra coisa. Então que outra coisa seria essa? Que sistema alternativo seria esse? Sistema alternativo é uma expressão dela. E com muito cuidado, porque ela vai dizer que isso variou muito no tempo e no espaço. Uma coisa era Palmares no século XVII, com milhares de pessoas. Outras coisas eram as comunidades no século XVII, XIX, com pequenos números de pessoas, se eram mais da mineração, se eram mais dos canaviais, se eram mais dos cafezais, se eram mais urbanos, se eram mais rurais. Então ela tinha cuidado de diferenciar essas situações espaciais dos quilombolas. Trouxe a noção de paz quilombola, que era praticamente algo que ninguém discutia. Que esses tempos teriam sim tempos de paz em que podiam inclusive negociar ou atacar as comunidades de engenho por exemplo. E se deteve, como eu disse, na fuga como

um hábito meio subjetivo. Ela se preocupou de como esse africano, esses africanos e africanas, ao decidirem fugir, o que eles tinham em mente, né? É algo difícil de trabalhar no campo da pesquisa sociológica e historiográfica, mas é algo também que ela fazia no sentido de imaginar uma subjetividade negra. Que aí é outro campo de construção que é bem interessante.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Após ouvi-lo sobre os estudos de Beatriz Nascimento, dedicados ao quilombo, fiquei pensando: será que a concepção de quilombo da autora tem uma interface com a sua obra poética? Se sim, como isso se dá?

**ALEX RATTS:**

Ela começou a se interessar diretamente por quilombo na segunda metade dos anos 1970. E ela disse que só começou a escrever mais poesias mesmo nos anos 1980. Então é provável que primeiro vem o estudo do quilombo e depois o interesse pelo trabalho poético. Mas os poemas mais experimentais são sobre Palmares. Dois deles se chamam Urgência a Zumbi dos Palmares e o segundo se chama Urgência 2. Não tem a palavra negro. Não tem a palavra quilombo. Não tem a palavra África. Mas não há dúvida do que ela está falando. Então são poemas bem experimentais. Com bastante recursos visuais, assim, imagéticos, e têm outros. Mas esses são os que ela mais trouxe. E tem alguns que foram para o filme [Ori], que têm uma linguagem metafórica, mas não tão abstrata. Quando ela fala que viu Zumbi como mulher, quando viu Zumbi com sua cabeça cortada. Quando viu Zumbi nela. Esse é um poema também muito bonito que está no final de Ori. E que ela era contra eleger essa figura do mito, do herói, mas ao mesmo tempo não teve nenhum problema de elaborar esse poema sobre essa figura antiga, primordial.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Neste ano, mais uma vez, você brindou o público leitor de Beatriz e seu, Prof. Alex, com uma coletânea de textos da historiadora Beatriz Nascimento. Essa textualidade recebeu o nome de Uma história feita por mãos negras. Qual é o significado político desse título para o legado e para a memória da autora, assim como também para o cânone pensamento negro?

**ALEX RATTS:**

Na década de 1970, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Eduardo de Oliveira Oliveira, outras e outros que vinham de períodos anteriores, como Clóvis Moura, Abdias do Nascimento; pessoas desse mundo, estudantes e militantes, intelectuais, ativistas do Brasil inteiro; eles estavam querendo uma história negra. Uma história dos negros. A história do negro no Maranhão, a história do negro no Brasil, a história da África. Então feita por gente negra, feita por pessoas que colaboravam, né?, neste outro caminho historiográfico. Esses cursos se davam no Brasil inteiro, eles faziam esses cursos, chamavam as pessoas. Não somente da área de história, porque era também para eles impossível fechar em apenas uma disciplina. Era importante ter gente da comunicação, da sociologia, das artes. Mas ela e Eduardo propunham uma história negra e Eduardo uma ciência negra. Ele chega a falar assim: uma sociologia negra, uma antropologia negra. Uma história negra. Então, eles dois, elaboraram mais diretamente essa ideia. Estavam fazendo as primeiras mesas com pessoas negras, ali em São Paulo, no Rio, na Quinzena do Negro, na SBPC. Que era algo que não existia antes: mesas só com pessoas negras falando, né?, era novidade. Coisas que nós fazemos hoje, mas que tem 40 anos desse movimento, que chamo de Movimento Negro Acadêmico<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Para maiores informações, conferir Ratts (2009) em: “Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica”. In: Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da; (Orgs). Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

Mas uma proposta que eu penso que ficou um pouco guardada na cabeça de algumas pessoas. Acho que agora que ela vem à tona, é possível fazer uma história negra, uma antropologia negra, uma sociologia negra, uma geografia negra. Talvez não saibamos bem ainda, com todos os direcionamentos, mas sabemos do protagonismo, das temáticas, de algumas questões teóricas, de não separar sujeito de objeto, de algumas questões metodológicas. Então acho que agora, de fato, essa história feita por mãos negras aqui está acontecendo.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Dando sequência ao diálogo sobre Uma história feita por mãos negras, os textos da historiadora e pensadora versam sobre quais temas e questões?

**ALEX RATTS:**

Nessa coletânea fiz questão de deixar os textos sobre relações raciais com foco na sociedade brasileira, especificamente no científico. Os textos sobre mulheres negras, os textos sobre movimentos negros, não todos, mas principalmente, alguns. E o conjunto de textos sobre quilombos, né? Tudo o que foi referente ao projeto de pesquisa, chamados temas alternativos organizados pelos negros, dos quilombos às favelas. Deixei a introdução e todos os principais textos que ela publicou em vida e um póstumo sobre a questão dos quilombos, para que a visão dela sobre os quilombos ficasse melhor demonstrada, né?, com mais nuances. Dessa vez eu quis mais completo possível.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Para finalizar, sabemos que você está às voltas com a candidatura, na carreira do magistério superior, para o nível de Professor Titular, na Universidade Federal de Goiás, pelo IESA (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais), segmento institucional

no qual é docente e pesquisador há mais de duas décadas. Desde os idos dos anos 2000 até a presente data, você tem contribuído com a formação humana e profissional de sujeitos, influenciando na educação crítica de indivíduos não só da geografia, como também de outras áreas, como a antropologia. Assim, você tem auxiliado com a edificação de uma espacialidade plural, seja pelo tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão) ou pelo ativismo. Sobre este último, recordo que você trabalhou, juntamente com a comunidade negra universitária, com o CANBENAS (Coletivo de Estudantes Negros e Negras Beatriz Nascimento), com o Projeto Passagem do Meio (ação interinstitucional dedicada à promoção de ações afirmativas para negros/as da UFG), ocupou a cadeira diretiva do CONIR (Conselho Estadual da Promoção da Igualdade Racial) e foi vice-presidente da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as). Nesse sentido, cabe uma indagação: quais são as marcas das letras pretas de Beatriz Nascimento e de Lélia Gonzalez (importante cientista social, sobre a qual você escreveu também, de modo pioneiro, juntamente com a socióloga Flávia Rios) em sua vida pessoal, mas também profissional e política?

**ALEX RATTS:**

Quando eu fui para o Primeiro Congresso de Pesquisadores Negros (COPENE), nós éramos 12 pessoas de São Paulo viajando, de ônibus, para Recife, dois dias e duas noites. Meu primeiro trabalho, no COPENE, já foi sobre essa intelectualidade negra, questão do quilombo, e eu já começava a ter Lélia e Beatriz, não somente elas duas, mas principalmente elas duas, como referências para uma vida acadêmica e militante. Eu estava em São Paulo quando via Abdias falar. E ele sempre terminava seus discursos com Beatriz e Lélia. Já trabalhava com Kabengele Munanga e depois trabalhei com Sueli Carneiro e a referências delas duas vinham mais à tona. E eu dizia que elas tinham que ser mais do que

uma evocação. Então foi ali que eu saí da evocação para trazer o pensamento delas. E eu falo que eu tenho aulas com elas, elas são minhas professoras. Cada vez que eu vejo uma entrevista, cada vez que eu vejo uma imagem, uma fotografia, uma reportagem, eu continuo aprendendo com elas porque imagino, tento me aproximar dos contextos, respeitar os parâmetros históricos. Mas também tenho direito de imaginar estar com elas, imaginar estar diante delas. E aproveitar assim todos esses rastros que elas deixaram. E às vezes eu só fico olhando mesmo pra imagem delas e dizendo que foi muito bom o que elas fizeram. Pagaram um preço muito alto, né?, de não terem longevidade, de não terem reconhecimento. Mas o que acho é que isso tudo agora também ganhou um novo espaço. Então tem uma nova recuperação, uma nova, é... uma recuperação, falta outra palavra assim, mais adequada, mas acho que hoje é o momento delas, de novo, de circularem assim. E foi muito bom poder fazer parte disso. Não sou sozinho, todo mundo sabe quem tem escrito e se colocado a respeito de Lélia e Beatriz. Eu tenho uma posição muito própria no sentido da proximidade com a família de Beatriz, mas é muito interessante que tenha, que tenhamos esses faróis, essas mestras, essas professoras. Elas têm esse lugar que é delas e está dito e está escrito.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Obrigado, Prof. Alex, pelo carinho, pela oportunidade de diálogo facultada e por acolher a *Revista Nós* em um momento de agenda limitada, posto que você está às voltas com às aulas da graduação, da pós-graduação, com suas pesquisas e envolvido com eventos acadêmicos, estéticos e políticos. Quero reiterar a minha gratidão pela acolhida afetuosa. E se você me permite, gostaria de fazer uma pergunta adicional. Após ouvi-lo sobre a obra de Beatriz, uma fala imbuída de respeito, cuidado, admiração e ternura, marcas da sua inserção pelas pesquisas

e ativismo nas temáticas negras, não resisto e faço, com sua licença, uma pergunta extra. Pela sua inserção no feminismo negro, me vem uma dúvida: mulheres negras movem o mundo?

**ALEX RATTS:**

Movem. Parece ser um pouco geógrafo, mas digo que movem em várias escalas. Porque eu já tinha essa noção a respeito de mulheres das comunidades com as quais eu trabalhei. Que elas talvez não tenham a visibilidade para além daquela comunidade, às vezes até um pouco mais, da cidade e do estado, né? Falando de Fortaleza, no Ceará, mulheres de comunidades, favelas, quilombolas. Eu já sabia que não existia a memória das resistências desses lugares sem elas, assim, não que os homens não fossem. É que elas tinham uma diligência, elas eram sempre vigilantes e sempre atuantes com tudo isso. Elas não paravam, não descansavam. Teve uma vez, que a mãe de um amigo meu, os caras estavam colocando piquetes para deixar a favela com o mínimo de passagem, para não ter passagem. E a mãe dele foi lá se colocar em cima dos piquetes. Eu dizia, pra ele: vamos, porque não fazia sentido aquela senhora em cima dos piquetes e nós dois ficar só olhando. Nós não temos tempo de ficar olhando aquela senhora impedindo os jagunços urbanos de fazerem piquetes. E eu vi isso com outras mulheres quilombolas também. E não é nem no sentido de uma luta aparentemente muito simplista, no sentido, né?, da memória, de construir os lugares e do afeto. Mas quando eu conheci essas autoras, né?, que também tem a sua dimensão pessoal, familiar, local. Mas, que elas moveram circuitos maiores, tenho certeza que sim! Não é uma questão de romantizar, é uma questão de reconhecer que, essas também, não descansavam. Eram muito diligentes, eram muito alertas, muito certeiras. Claro, elas descansavam, elas, né?, tiveram seus lazeres. Mas assim, como não ouvi nenhuma das duas mulheres, Beatriz, pessoalmente. Mas tenho noção disso a partir de ter ouvido Luiza Barros, Sueli Carneiro, é que elas diziam assim: os

Um ativismo...

caminhos foram esses, agora são estes, serão aqueles. Podemos não estar certo, mas o que vemos agora é isso. Então elas eram pessoas que apontavam sentidos, apontavam direções. E só faziam isso porque se dedicavam a ver isso. Não é todo mundo que olha para onde as coisas estão indo, onde elas vão. E isso é uma coisa que se aprende no saber militante, não são as universidades que... às vezes achamos que um conceito define, uma categoria define para onde se apontar caminhos, mas isso aí não se faz, nem é aconselhável a fazer na vida acadêmica, né? Na vida acadêmica militante é que se faz, então elas movem, porque, elas de fato, percebem para onde se movem, para onde os mundos caminham. Onde os mundos se sobrepõem. Mundos raciais, de gênero, de sexualidade. Elas cravavam essas palavras, elas faziam isso. Então, eu não tenho dúvidas, mas o que me incomoda é que para academia que tínhamos nos anos 1970, que estamos indo hoje, as mulheres negras não são consideradas sujeitos de pensamentos devidamente. Nem os negros gays, nem as bichas pretas, nem as pessoas negras LGBT's. Então é um problema realmente de racismo, sexismo, lgbtfobia nessas universidades. Mas é um problema que essa outra força está sempre operando, questionando.

**ANDRÉ FILGUEIRA:**

Em nome da *Revista Nós*, sobretudo do Dossiê: “África e sua diáspora: pensamentos e linguagens”, reforço, uma vez mais, Prof. Alex, a nossa profunda gratidão pelo carinho, pela acolhida e pelo aprendizado partilhados. Muito obrigado axé!



João de Deus Nascimento | Óleo sobre tela | 61 x 45 cm | Foto: Paulo Rezende | 2018

Artista: Dalton Paula